Perspectivas colaborativas das Humanidades digitais nas investigações sobre William Blake = [Recensão a] Roger Whitson & Jason Whittaker, William Blake and the Digital Humanities: Collaboration, Participation, and Social Media

Autor(es): Palma, Caio Di

Publicado por: Centro de Literatura Portuguesa; Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/38059>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/2182-8830_3-1_20

Accessed : 26-Apr-2023 16:28:36

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

Revista do Programa de Doutorado «Estudos Avançados em Materialidades da Literatura»

Vol. 3.1 (2015)

ISSN 2182-8830

‘Artes, Média e Cultura Digital’

Paulo Silva Pereira e Pedro Serra (orgs.)

Perspectivas Colaborativas das Humanidades Digitais nas Investigações sobre William Blake

Caio Di Palma

CLP | Universidade de Coimbra

Bolseiro da FCT

Roger Whitson & Jason Whittaker, *William Blake and the Digital Humanities: Collaboration, Participation, and Social Media*. London, Routledge, 2013, 200 pp. ISBN 978-0-415-65618-4

Pela primeira vez a lume em 2013 pela editora londrina Routledge, o notável estudo conjunto de Roger Whitson e Jason Whittaker sobre o legado de William Blake – *William Blake and the Digital Humanities: Collaboration, Participation, and Social Media* – surpreende por sua abordagem que entrelaça estudos literários e perspectivas teóricas das áreas de *social media* e *digital humanities*. Em verdade, a obra vislumbra uma proposta de análise e ensino dos fenômenos digitais inspirados na obra de Blake. Mais do que enfatizar a genialidade blakeana, essas manifestações, segundo os autores, amplificam os sentidos, as formas estéticas e a epistemologia do poeta. Por esse caminho, ao mesmo tempo de colaboração e participação na obra blakeana, o poeta é abordado como um fenômeno de *social media*, isto é, um *leit motif* provocador de participações ativas do público, tornando-os, consequentemente, em co-produtores e extensores de sua obra.

Se a ausência da nota de contracapa e a capa genérica – a seguir o modelo editorial e o design gráfico da editora Routledge – não permitem entrever o conteúdo da obra, a introdução assinada pelos autores expõe um panorama completo, conciso e claro dos estudos de Whitson e Whittaker que se encontram nas páginas seguintes. “Introduction: Zoamorphosis and the Digital Humanities” começa por discutir casos de incorporação de Blake para a criação participativa de projetos estéticos e performativos em plataformas

digitais (Flickr, Youtube, Twitter, Google Maps) em diferentes formatos (filmes, vídeos, fotos, música, localização topográfica).

Nessa secção introdutória, observa-se a teorização de *zoamorphosis*: processo que, segundo os autores, define toda a recepção de Blake nos campos de estudos midiáticos e de humanidades digitais. *Zoamorphosis* [<http://zoamorphosis.com/>] caracteriza os expedientes de co-criações a que a obra blakeana se permite, em especial pelos sistemas de economia midiática no século XXI, num processo de assimilação, adaptação e transformação.

Na primeira secção, “Archives and Ecologies”, Whitson e Whittaker introduzem, em linhas gerais, o princípio de *zoamorphosis* na obra de William Blake e a proposta de alguns de seus estudiosos e apreciadores: torná-lo em um *leit motif* para outras criações em plataformas digitais. Num processo ao mesmo tempo de análise, participação ativa e readaptação, essa iniciativa – a entrelaçar estudos de *social media* e de *digital humanities* – elucida o fato de que o princípio da *zoamorphosis* permitiu à sua obra uma abertura para diversas adaptações.

Os autores, de fato, se propõem a perspectivar as iniciativas colaborativas, tanto em edições impressas quanto em redes sociais e plataformas digitais, que amplificam, de modo participativo, o entendimento e a produção material sobre Blake. Como exemplos, os autores citam um extenso panorama de ‘criações blakeanas’, tais como: a primeira edição de “Tyger”, por Alexander Gilchrist, em *Life of William Blake*; as adaptações do hino de *Jerusalem* (ausente, pois profetizada em Blake) – nos cenários punk da contracultura; e o arquivo digital no *Blake Multimedia Project*, *Blake Digital Text Project*, *The William Blake Archive* e o aplicativo *2011 Blake's Notebook iOS*. Todas essas iniciativas, reforçam os autores, reinventam Blake de acordo com a identidade de cada grupo social na contemporaneidade.

O segundo capítulo, “The Tyger”, propõe analisar a criatividade de Blake a partir da observação das audiências. Nesse capítulo, Whitson e Whittaker mostram como o poema mais famoso de Blake reverbera não apenas leituras, mas iluminuras criativas que se acendem em livros, filmes, programas de televisão e *comic books*. Sua obra, conforme observam, encoraja a revisitação, transformando suas partes em algo sempre novo, sempre ativo, a circular pulsante em diferentes mídias sociais. Aqui, os autores mostram como esses atos de visita ao *Tyger* foram cruciais tanto para as leituras de Stanley Fish sobre o poema como uma comunidade interpretativa, quanto para mostrar que a *zoamorphosis* opera como um plano dinâmico, que possibilita aos artistas estenderem a obra de Blake. Nessa perspectiva, os autores abordam o *Tyger* como um fenômeno de *social media*, presente no *Fahrenheit 451* de Ray Bradbury, na música gótica e folk de Thelma e Greg Brown, nas imagens de Joel-Peter Witkin e Korshi Dosoo, e na arte de mídia digital de Guilherme Marcondes.

Em “Jerusalem”, observa-se a motivação dos autores em demonstrar como o processo colaborativo de adaptação do *Jerusalem* se configura como

uma atividade de extensão da obra-prima. Mais do que recepção, a criação do hino de *Jerusalem* – ausente no canto profético de Blake – é uma forma de co-produção na composição de Sir Hubert Parry. Mais do que uma música popular, os autores reforçam que o hino serviu de tema e propaganda política. Pelas implicações dessas conexões produtivas, Whitson e Whittaker observam que os eventos de *social media* sobre Blake já lá estavam antes daqueles manifestos na mídia digital. Muito embora, as novas tecnologias em linha tenham amplificado o alcance, a velocidade das respostas e o número de intervenções.

“Digital Creativity: Teaching William Blake in the Twenty-First Century” ilustra as possibilidades recentes de ensino sobre o poeta. Nessa perspectiva pedagógica aberta pelas humanidades digitais e estudos de mídia, ao invés de reforçar o aspecto mítico-profético de sua obra, professores e discentes estabelecem com tais textos uma relação dialógica: incorporando-os num exercício criativo de participação colaborativa, o que resultam são novas obras que redefinem co-criação textual e análise literária no século XXI. À guisa de exemplificações sobre os exercícios que expõem novas metodologias pedagógicas e perspectivas teóricas sobre o legado de Blake, os autores discutem o caso do projeto *Blake 2.0: William Blake and Digital Culture* [<http://www.palgrave.com/page/detail/blake-2.0-steve-clark/?K=9780230280335>]. Desenvolvido por um grupo de pesquisa que contou com a dedicação de professores e estudantes do Georgia Institute of Technology, *Blake 2.0* propunha ser um projeto de recriação das ideias, personagens e frases do *Milton* nos canais do Twitter e do Google Docs.

William Blake, *The Book of Urizen*, copy G, plate 5. © Library of Congress.

Whitson e Whittaker defendem que esses projetos buscam codificar os sistemas de pensamento blakeanos, reagrupando-os em forma de database. Como exemplo podemos citar a iniciativa do projeto Blake Archive [<http://www.blakearchive.org/blake/>]. Esse princípio metodológico estrutural nas humanidades digitais é investigado pelos autores a partir do conceito de ‘clodinâmica’, patenteado por Peter Turchin. Assunto vasto que se prolonga pelas linhas do penúltimo capítulo – “Blake and His Online Audiences” –, no qual se discute os caminhos abertos pela dinâmica participativa sobre as obras de Blake em salas de aula nos cursos de jornalismo e estudos de mídia.

Por último, o derradeiro capítulo, “Folksonomies and Machine Editing: William Blake’s New Aesthetic on Flickr, Wikipedia, and Youtube”, se encarrega dos últimos apontamentos sobre o entrelaçamento de estudos literários, humanidades digitais e estudos midiáticos. O capítulo se centra na emergência de bases de dados em linha sobre Blake, assim como reforça a necessidade de uma taxonomia e curadoria adequadas para o estudo de tais projetos. Segundo os autores, é preciso teorizar as relações atuais entre as novas tecnologias, as políticas editoriais digitais e os códigos da linguagem maquínica. Por fim, “Coda: Dust and Self-Annihilation” conclui as reflexões com alguns pontos fulcrais, a saber: a importância da *zoamorphosis* e de uma *flat ontology* (ontologia mais larga e flexível) para a análise consistente de tais projetos. Ao final da obra, o leitor percebe a relevância dos estudos interdisciplinares para uma compreensão mais ampla dos acontecimentos de re-atualização do legado de Blake em plataformas *online*.

O desafio aceito pelos autores, de fato, deve ser reconhecido, pois permite a problematização de Blake não só como poeta, mas como um fenômeno ativo de *social media* com larga amplitude de atuação.

Referências

Blake 2.0: William Blake in Twentieth-Century Art, Music and Culture.

<http://www.palgrave.com/page/detail/blake-2.0-steve-clark/?K=9780230280335> [3 mar. 2015].

The William Blake Archive <http://www.blakearchive.org/blake/> [3 mar. 2015].

Zoamorphosis <http://zoamorphosis.com/> [3 mar. 2015].

© 2015 Caio Di Palma.

Licensed under the [Creative Commons Attribution-Noncommercial-No Derivative Works 4.0 International](#) (CC BY-NC-ND 4.0).